

Bulhosa: uma perspectiva

África Confidential
Ary. 1985

No artigo «Entretanto... em Moçambique» (30 de Março) V. diz: «Desde o assassinio do seu secretário-geral, Orlando Cristina, numa quinta (SADF) perto de Pretória em 1983, a Renamo tem-se feito representar em público através do seu porta-voz, o jovem e imaculado Sr. Evo Fernandes, sediado em Portugal. Tal como outros oficiais da Renamo, o Sr. Fernandes era (e talvez ainda seja) um empregado de um magnata espanhol, Sr. Manuel Bulhosa, em tempos homem de negócios em Moçambique e proprietário de uma refinaria e actualmente residente no Brasil. O Sr. Bulhosa tem um interesse desmedido em reconquistar as suas propriedades em Moçambique e é conhecido por ajudar à causa revanchista contando para esse efeito com a considerável fortuna que possui em Portugal.»

Esta informação é incorrecta e mancha o meu passado como homem de negócios que sempre evitou qualquer envolvimento político.

Fui o fundador da Refinaria de Petróleos de Moçambique, que se encontra actualmente num estado deplorável devido à falta de assistência técnica e à má gestão. Serão necessários investimentos tão avultados neste momento que parece quase não merecerem a pena. O Sr. Evo Fernandes foi em

tempos empregado de uma empresa de que eu era proprietário e considero-o um homem honesto.

No que respeita às suas actividades na Renamo sei apenas o que aparece nos jornais. Jamais fiz qualquer doação à Renamo nem eles nunca me abordaram para tal fim.

A África do Sul necessita de todo o prestígio político que o acordo de NKOMATI lhe possa trazer a fim de minorar as suas dificuldades internas. O Departamento de Estado cumpre cuidadosamente o pacto para evitar que surjam mais dificuldades para além daquelas já existentes na África do Sul — uma nação muito necessitada do apoio ocidental.

Moçambique não está nem política nem economicamente interessado em opor-se aos países de Leste, dos quais tem recebido alguma ajuda.

Moçambique não está nem política nem economicamente interessado em opor-se aos países de leste dos quais tem recebido alguma ajuda. E isto também se aplica aos países do ocidente em relação aos acordos de paz estabelecidos e que tão importantes

são para acabar com o actual estado de pobreza.

Um regime totalmente comunista fechará as portas à cooperação ocidental que é essencial ao funcionamento da máquina do Estado. Este bom funcionamento não será conseguido sem a ajuda de Portugal, que conta com 500 anos de experiência em política cristã e multirracial. Há quem se esqueça que sem o uso da língua portuguesa, como língua oficial, Moçambique deixaria de existir como Nação.

Os portugueses, quer sejam enfermeiros, professores, operários, empregados de escritório ou comerciantes, são essenciais como um elo de ligação ao povo de Moçambique, onde se falam tantos dialectos. Fui convidado pelo Governo local para visitar Moçambique; tratámos apenas de assuntos comerciais.

No passado mês de Janeiro fui à África do Sul, a convite do Sr. Pik Botha. Falei com representantes de Moçambique e da Renamo e sugeri ao Sr. Botha que o estabelecimento de um exército internacional para a contenção das forças inimigas e a realização de eleições trariam a paz. O Sr. Machel seria aceite como Presidente.

(Carta de **Manuel Bulhosa**, publicada em «The Economist»/Julho de 1985)